

Sindibel aponta alta de quase 300% nos atendimentos de pacientes com quadros respiratórios e defasagem em equipes. Prefeitura diz que monitora

Pressão na rede de saúde

BERNARDO ESTILAC, SILVANA PIRES E ANA LAURA QUEIROZ*

O período de estabilidade da pandemia em Belo Horizonte parece estar com os dias contados. Após início de ano com superlotação em unidades de saúde por pacientes com sintomas respiratórios, o cenário parece ter voltado neste primeiro terço de junho. A cidade registra uma escalada nos casos de síndrome gripal e COVID-19 e entidades médicas alertam para déficit de profissionais nas unidades da capital para suportar a demanda. Dados divulgados pelo Sindicato dos Servidores Públicos Municipais (Sindibel) apontam que os atendimentos a casos de síndrome gripal e COVID-19 aumentaram 286,8% nos centros de saúde e unidades de pronto-atendimento (UPAs) da capital entre 30 de maio e 3 de junho. A Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) informou que segue monitorando a situação e convocou entrevista coletiva sobre a situação das UPAs, agendada para a manhã de hoje.

Ontem, a reportagem do Estado de Minas conversou com pacientes na porta de UPAs e centros de saúde da capital. Apesar de não haver superlotação, muitas pessoas relataram demora nos atendimentos e mais da metade apresentava sintomas de doenças respiratórias. É o caso da costureira Silvana Farias de Souza, de 44 anos, que esteve na UPA Leste, no Bairro Vera Cruz, Região Leste da capital. "Comecei a apresentar sintomas na terça-feira. Estou sentindo dores muito fortes, muita tosse e resfriado. Consultei para ver se não é COVID-19", conta. Ela já aguardava havia mais de uma hora para fazer o teste rápido da doença. "O atendimento está bem lento", reclamou.

A dona de casa Cristiane de Almeida Guerra, de 55, ficou pelo menos duas horas esperando para fazer o teste, depois de sentir sintomas como tosse e dores no corpo, e saiu de lá com o resultado positivo para COVID-19. "Tenho rinite, então achei que fosse isso. Ontem (quarta-feira), comecei a sentir uma forte dor de cabeça, que não passava de jeito nenhum, por isso decidi vir aqui", conta. "Esta foi a primeira vez que peguei a doença. Não estava esperando, pois me cuido bastante", disse a dona de casa, que tomou duas doses da vacina - a terceira já está disponível para a faixa etária.

A gerente de logística Nambúbia Brites Barbosa, de 33, também tem rinite e desconforto dos sintomas depois de alguns dias sem melhorar no quadro. "Fiz o teste e deu negativo, é só uma crise de rinite mesmo, mas que está demorando mais do que o normal para passar", conta. Mesmo já tendo tido COVID-19, a vendedora Karine Cecília Leite, de 36, avalia que a doença veio de forma



Pacientes na UPA Leste, no Bairro Vera Cruz: escalada da coronavírus e de outros vírus já é sentida nos centros de saúde e nas unidades de pronto-atendimento



Com sintomas gripais, Silvana de Souza já aguardava havia mais de uma hora para fazer exame



Cristiane Guerra pensava estar com rinite, mas testou positivo para o COVID-19 ontem

de dessa vez. "Testei positivo na quarta, mas tive que voltar, pois estou me sentindo muito mal. O cansaço está muito forte, tenho sentido falta de ar na hora de levantar. Mal consigo ficar em pé", conta. Após ter tomado duas doses da vacina, ela diz que espera sintomas mais leves. "Nem na primeira vez que eu tive, que foi

antes de tomar a vacina, fiquei desse jeito. É ainda pior ter que aguarar essa longa espera por atendimento", reclamou, depois de quase duas horas aguardando. A gastrônoma Jacqueline Almeida, de 52, levou o filho Bruno, de 6, para fazer o teste. Ele está tossindo bastante. Ainda não tomou a vacina, então, a gente fi-

ca preocupada", disse. As vacinas são disponíveis para crianças de 5 a 11 anos de idade.

VACINAS E MÁSCARAS Para o infectologista Carlos Starling, que integrou o extinto Comitê de Enfrentamento à COVID-19 de BH e hoje faz parte de grupo popular formado por médicos e entidades

da sociedade civil para monitorar a doença na cidade, a baixa adesão aos reforços das vacinas nos grupos já chamados e até mesmo na primeira e segunda doses entre o público infantil é uma das questões na base da nova escalada de casos de COVID-19. "Temos subvariantes da Ômicron circulando em BH que são

muito preocupantes, variantes que têm um potencial de agressividade maior e de transmissibilidade. Elas podem afetar principalmente as pessoas com vacinação incompleta, um percentual alto da população. Isso nos preocupa", avalia Starling. O infectologista completa afirmando que as vacinas perdem validade com o tempo e, por isso, é preciso que as pessoas estejam em dia com o calendário vacinal. Em BH, 64,5% das pessoas já receberam o primeiro reforço de imunizante contra o coronavírus. O número de crianças com as duas doses também é baixo, apenas 56,9% do público entre 5 e 11 anos. "As máscaras, de uso facultativo em Belo Horizonte desde 28 de abril, são apontadas como medida essencial por Starling. "A banalização do uso de máscaras e das barreiras de contato é algo muito sério. Hoje, pelo comitê popular, estamos sugerindo (retorno obrigatório) porque não temos outra forma de fazer as coisas. Que todas as pessoas voltem a usar máscara em ambientes fechados".

O médico defende ainda a volta da divulgação de dados que compunham o Boletim Epidemiológico e Assistencial da prefeitura nos dois primeiros anos da pandemia. Entre eles, os índices de ocupação de leitos por pacientes com COVID-19, que segundo ele, facilitam o entendimento da população sobre o estágio da pandemia: "Um bom parâmetro é saber como está o número de internações. Essa informação, junto com a incidência do vírus, serve para que a população tenha uma noção de como os casos da doença estão se comportando".

Depois de cerca de dois anos com edições diárias de segunda a sexta-feira, o Boletim Epidemiológico da PBH passou a ter duas edições semanais e informações reduzidas a partir de abril deste ano. A ocupação de leitos nos hospitais e a taxa de transmissão do vírus na cidade não constam mais nos informativos.

Em redes particulares, como a Unimed, dados mostram que, entre 29 de maio e 4 de junho havia 288 pessoas internadas com síndromes respiratórias nos hospitais da Região Metropolitana de BH. Há quatro semanas, o número era de 193 pacientes. Um aumento de quase 50%.

QUE DIZ A PBH Em nota, a PBH informou que, sobre as máscaras, estão mantidas as regras vigentes, com a recomendação do uso nas escolas, especialmente nas salas de aula. A Secretaria Municipal de Saúde informa que segue monitorando diariamente a situação da COVID-19 na cidade, e caso seja necessário, e com base em dados epidemiológicos e evidências científicas, outras medidas poderão ser adotadas.

*Estágio sob supervisão do subeditor Rachel Botelho

Profissionais temem riscos para a segurança

Cerca de 25.800 pacientes com suspeita de gripe ou COVID-19 foram atendidos nas unidades públicas de saúde de Belo Horizonte durante a semana entre 30 de maio e 3 de junho, aponta o Sindibel. A entidade chama a atenção para a semelhança do número com o registrado em janeiro deste ano, quando "há fit" e pessoas foram atendidas com sintomas respiratórios, em cenário de pressão provocado, principalmente, pela chegada da variante Ômicron do coronavírus. Naquele mês, o então secretário municipal de Saúde, Jackson Machado, anunciou a ampliação do horário de atendimento dos centros de saúde e a contratação de profissionais para a rede pública da capital. Mas o Sindibel afirma que ainda há uma defasagem de médicos na cidade. Segundo dados do sindicato, pelo

menos 120 das 589 equipes de Saúde da Família estavam sem médicos e faltariam 80 pediatras, inclusive nas UPAs.

De acordo com Bruno Pedralva, coordenador de comunicação do Sindibel, há também uma carência de 80 pediatras no sistema público da capital. Segundo ele, há uma grande cobrança para que a prefeitura nomeie profissionais que passaram em concurso público já homologado em abril. No fim de maio, 35 médicos tomaram posse, com prioridade para os pediatras, pela alta demanda, de acordo com a prefeitura. O número é visto por entidades médicas como insuficiente para lidar com a atual situação da saúde.

ASTAGNADOS A falta de médicos é ainda agravada, segundo o sindicato, pela necessidade de

afastamento dos profissionais, que também sofrem com o aumento de casos de síndromes respiratórias. Levantamento feito pelo Sindibel aponta que, entre segunda (6/6) e quarta-feira (8/6), 503 profissionais foram afastados por motivos de doença nos 152 centros de saúde de BH. Diretor do Sindicato dos Médicos de Minas Gerais (Simméd-MG), Artur Oliveira avalia que a pandemia não tem tido a devida atenção da administração da capital. Segundo ele, está sendo passada a sensação de que a ameaça acabou. Ele diz ainda que os casos crescentes de síndromes respiratórias se somam a uma demanda reprimida de tratamentos que ficaram defasados pelo período de priorização da COVID no sistema de saúde.

"A situação ainda não está controlada. Tivemos um au-

mento de atendimento dos quadros respiratórios e também de internação", disse. Segundo ele, a situação ainda não chegou à proporção da registrada no início do ano, mas é de alerta. "O risco que estamos vivendo é uma população que ficou sem atendimento para outras doenças por cerca de dois anos e agora vê voltar a crescer o número de casos respiratórios", aponta o médico de família.

Oliveira afirma que esse cenário aumenta o risco à segurança dos profissionais de saúde. Isso porque, sem a percepção de que os casos respiratórios ainda sobrecarregam o sistema, a população não entende a carência no atendimento a outras doenças.

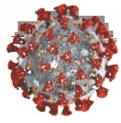
O coordenador do Sindibel Bruno Pedralva, também médico do SUS, concorda com o cole-

ga. Ele afirma que há risco de aumento na violência de pacientes contra médicos, que trabalham com equipes defasadas. "Estamos percebendo que essa escalada contra os profissionais também vem dessa ideia de que a chegada acabou e, por isso, querem atendimento imediato. Mas a pandemia não acabou. Na última semana de março, foram 6 mil, na última semana de maio, 26 mil atendimentos só para sintomas gripais", opina.

A preocupação das entidades é apresentada um dia após episódio de revolta no Centro de Saúde Piratininga, em Venda Nova. Na quarta-feira, um tumulto começou quando uma criança passou pela triagem, mas não foi atendida. A mãe ficou do lado de fora da unidade e disse que fecharia a passagem até que a filha

fosse recebida por algum médico. A mulher recebeu o apoio de outras cinco pessoas que aguardavam atendimento no centro de saúde. Pacientes bloquearam a passagem e insultaram os funcionários. O tumulto só foi apaziguado com a chegada de forças de segurança.

"Essa situação é uma tragédia anunciada. Nesta semana, por exemplo, havia a promessa de que seriam chamados médicos para compor a Saúde da Família e não tivemos o chamamento. Isso tem se repetido nas unidades de urgência", disse Artur Oliveira. Segundo ele, as unidades de saúde da cidade já não contam com a presença da Guarda Municipal e faltam inclusive porteiros. Ontem, a Prefeitura de Belo Horizonte convocou entrevista coletiva sobre a situação nas UPAs, marcada para hoje.



Laboratórios e drogarias apontam saltos de até 1.000% na busca por exames entre abril e maio. Alta da positividade bate em 362%

Disparada dos testes em BH

Rocir Dias

Mais de um mês após liberar o uso de máscaras em locais fechados, Belo Horizonte e as cidades da região metropolitana já vivem preocupante aumento do número de testes positivos para o coronavírus nos laboratórios particulares. Enquanto o Hermes Pardini registrou alta de 20,7% no número de contaminações no mês passado em comparação com abril, a Drogaria Araújo teve elevação de 362% no comparativo da última semana de abril com o mesmo período de maio.

Além da alta confirmação de novas infecções desde o fim da obrigatoriedade de uso das máscaras, a procura por exames se tornou mais intensa. No Hermes Pardini, o volume de testes cresceu 112% entre abril e maio. Já a Drogaria Araújo registrou crescimento de 1.000% na procura pelo PCR ou antígeno que detectam a presença do coronavírus no corpo humano. Os centros de testagem da Prefeitura de Belo Horizonte também já haviam mais que dobrado o número de testes até maio, com taxa de positividade de 12,9%.

“Os resultados positivos nos exames de COVID-19 e os casos de síndrome respiratória aguda grave nas unidades de saúde tiveram aumento preocupante. Nosso ob-



Profissional colhe amostra para exame de COVID-19 em paciente: elevação da demanda ocorre tanto na rede pública quanto no particular

jetivo é dialogar com a sociedade, com dados divulgados com transparência, e mostrar que a pandemia não acabou. Por isso, cidadãos devem ser mantidos”, alerta o infectologista Uni Triunfambis, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Ex-integrante do comitê de enfrentamento ao coronavírus em BH, ele participou na semana passada da fundação de um grupo popular para acompanhar a evolução da doença na capital. Também participam da iniciativa os médicos Carlos Starling, Es-

tevão Urbano e Dirceu Greco. O objetivo é conscientizar a população de que a doença pode trazer consequências graves e também cobrar da prefeitura o retorno dos boletins diários sobre a doença. A PBH dissolveu seu comitê depois que Alexandre

Kallf (PSD) deixou o posto de chefe do Executivo municipal.

Dirceu Greco se mostra apreensivo com o percentual de vacinação ainda insatisfatório na capital. “O que está sendo mostrado é que vários estados e outros países estão vivendo au-

mento preocupante de casos. É um momento de voltar a precaução acerca dos cidadãos. Há uma boa parte da população rondando por aí e que ainda não tomou nem a segunda dose. Então, quem não tomou a segunda, que faça isso. E quem não foi vacinado com a dose de reforço, que vá a um posto de saúde o mais rápido possível”, diz.

Segundo dados da PBH, 12% da população nem sequer tomou a segunda dose de vacina contra a doença – nesse caso, excluem-se aqueles que receberam o imunizante da Janssen, com dose única. Além disso, 35,1% não procuraram pela dose de reforço, já liberada para todas as faixas etárias acima dos 16 anos.

MÁSCARAS Além da vacinação, Dirceu Greco considera que não há sentido em liberar a máscara em locais fechados, aqueles em que o risco de contágio da doença se torna maior. “Mesmo que seja pecar por excesso de zelo, é importante que as pessoas se cuidem em locais onde há grandes concentrações. Ainda vivemos uma fase de mortes. Praticamente todos os dias cai um Boeing no Brasil e mata 100 ou 200 pessoas”, compara. A COVID não terminou e é preciso cuidado nos próximos dias”, reforça.

Capital convoca profissionais de saúde para 4ª dose de vacina

Maria Paula Monteiro*

Profissionais de saúde de Belo Horizonte começam a tomar hoje a quarta dose de vacina contra a COVID-19. O calendário começa com a aplicação da dose adicional no grupo de 40 anos ou mais, hoje, e a partir dos 30, amanhã, em postos de vacinação listados no site da PBH (www.prefeitura.pbh.gov.br).

Independente da profissão, moradores de 58 anos ou mais já foram convocados para tomar a quarta dose, que continua sendo ofertada em esquema de repescagem, de segunda a sexta-feira. A convocação da faixa etária dos 50 anos começou na quarta-feira, após o Ministério da Saúde liberar a aplicação da injeção adicional para esse público.

Para se vacinar, é preciso que a terceira dose tenha sido recebida há pelo menos quatro meses. Documento de identificação com foto e CPF devem ser apresentados nos pontos de vacinação. No caso específico dos profissionais de saúde, é necessário comprovar a vinculação ativa do trabalhador com os serviços de saúde de Belo Horizonte. Até o dia 7, 36,6% dos maiores de 12 anos ou 7% da população total da capital tinham tomado a segunda dose de reforço de vacina contra a COVID-19, de acordo com dados da PBH.

GRIFE E SARAMPO Até o dia 24, também é realizada a cam-



Profissionais de saúde de 40 anos ou mais podem receber o dose adicional de vacina contra a COVID-19 hoje; os maiores de 30, amanhã

panha de vacinação contra a gripe e o sarampo, que foi prorrogada em BH em virtude da baixa adesão. Atualmente, a capital está com 40,9% do público-alvo imunizado contra a gripe, de uma meta de 90%. Contra o sarampo, o índice é de 40%, contra meta de 95%. Devem se vacinar contra a gripe os idosos de 60 anos e mais, trabalhadores da saúde, crianças de 6 meses a 5 anos incompletos, gestantes e puérperas, povos indígenas, professores, pessoas com comorbidades e deficiência

permanente, forças de segurança, salvamento e armadas, e caminhoneiros, além de trabalhadores de transporte coletivo e rodoviário de passageiros urbano e de longo curso.

Já contra o sarampo, a vacinação é destinada aos trabalhadores da saúde e crianças de 6 meses a 4 anos, 11 meses e 29 dias. Os pontos de imunização podem ser consultados no site da prefeitura.

* Estagiária sob supervisão de subeditora Rachel Botelho

Hospitais privados de todo o país registram aumento de 94% nos casos

Vinícius Prates*

Com o número de casos de COVID-19 aumentando em todo o país, nas últimas duas semanas, hospitais privados de todo o Brasil registraram aumento médio de 94% no número de casos confirmados de coronavírus, de acordo com a Associação Nacional de Hospitais Privados (Anahp).

Conforme apurado pela associação, dos atendimentos relacionados a síndromes respiratórias em pronto-socorro, 30% são de casos da doença. 4,52% dos pacientes acabaram internados e cerca de 1,2% deles precisaram ser encaminhados para a UTI.

“Estamos entrando em uma semana de maior preocupação em relação às duas últimas. O crescimento dos atendimentos nos pronto-atendimentos tem sido muito expressivo nos hospitais, o que reflete no aumento do número de internações e faz com que as instituições voltem a precisar ampliar a destinação de leitos para COVID-19”, destaca o diretor-executivo da Anahp, Antônio Brito. A associação também aponta na pesquisa a taxa de ocupação dos hospitais associados à Anahp. Nas duas últimas semanas, a média foi de 84%. Em abril, esse número não passou de 77,5%. “Não podemos esquecer

de que estávamos em uma fase de retomada dos procedimentos eletivos, mas também não podemos desprezar essa informação no cenário da COVID”, pontuou o diretor-executivo.

Além disso, a pesquisa também indicou que no mesmo período, 5,5% dos profissionais de saúde foram afastados por diagnóstico positivo para COVID-19. Ao avaliar a incidência de síndromes gripais, o resultado indicou aumento de 32% desses casos não relacionados à COVID-19 em pronto-atendimento.

* Estagiária sob supervisão de subeditora Rachel Botelho

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Covid-19 **Página:** 8 e 9